

O Homem Feito

Copyright © 1952, by Fernando Sabino
Rua Canning, 22, ap. 703 — Ipanema — 22081-040
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<i>Editor</i>	Fernando Paixão
<i>Editora assistente</i>	Carmen Lucia Campos
<i>Assessora editorial</i>	Rosemary Pereira de Lima
<i>Coordenadora de revisão</i>	Ivany Picasso Batista

ARTE	
<i>Editor</i>	Marcello Araujo
<i>Editoração eletrônica</i>	Maria Alice S. Guimarães
<i>Capa</i>	Victor Burton
<i>Foto da capa</i>	Brian Yarvin

O texto "O Homem Feito" pertence à obra *A Vida Real*, novelas de Fernando Sabino, publicada pela Editora Record.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S121h
2.ed.

Sabino, Fernando, 1923-2004
O homem feito / Fernando Sabino. – 2.ed. - São Paulo : Ática, 2006.

Contém suplemento de leitura e depoimento do autor
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-08-11987-5

1. Romance brasileiro. I. Título.

06-3188.

CDD 869.93
CDU 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 11987-5 (aluno)
ISBN 978 85 08 11988-2 (professor)

2013
3ª edição
3ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 1998
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - CEP 02909-900 - São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 - atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br - www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



O Homem Feito

Fernando
Sabino

ea

editora ática



FERNANDO SABINO

Por ele mesmo

No mundo da literatura, desembarquei desde que me entendo por gente. Ainda menino, descobri que tinha vocação para mentiroso. Contando para os amigos uma história lida ou um filme visto, começava a inventar, alterando o final, acrescentando personagens e episódios, enriquecendo o enredo. Em suma, ajudando o autor.

•••

Eu vivia encharcado de literatura por dentro e por fora, como dizia o Mário numa carta. Me distraía até fazendo times de futebol de escritores: o dos romancistas russos, por exemplo, era um*

timaço, capaz de enfrentar o dos poetas ingleses.

•••

Aos 14 anos, disparei a escrever contos com pretensão literária. Vivía perseguindo Mário Casassanta, outro professor de português, enchendo sua pasta e sua paciência com meus contos, embora, diga-se a seu favor, ele não tivesse jamais proferido uma única palavra sobre o que achava deles.

•••

A minha realidade interior vive abaixo do nível da realidade que me cerca. Para restabelecer

o equilíbrio, num contato normal com os demais seres humanos, tenho que escrever, porque a recriação da realidade pela imaginação, através da linguagem escrita, é a maneira que tenho de me comunicar.

•••

Se eu fizer um levantamento de minha vida literária, vejo que em tudo que escrevo não tenho feito outra coisa senão me revelar, me expor, contar aquilo que vivi, que testemunhei, que pensei, que aconteceu e chegou ao meu conhecimento — sempre visto através da minha maneira de imaginar, de recriar a realidade.

•••

Nada como um sonho para dar a ideia da concepção literária. No sonho, eu não sou apenas eu: sou a minha casa, a minha mãe, meu pai, minha mulher, o cachorro, o gato e tudo mais que aparece no sonho.

•••

Escrevi algumas novelas, que compõem o livro A Vida Real,

publicado em 1952, nas quais pretendi surpreender emoções e sentimentos vividos durante o sono. Queria me apanhar dormindo e penetrar no mistério de alguns sonhos, para através deles descobrir o que se ocultava atrás da realidade. São novelas muito elaboradas, concebidas com uma preocupação estética que hoje já não é tão predominante.

•••

Reconheço que existem coisas mais sérias a tratar, mas acredito que, se conseguíssemos recuperar o menino que devíamos ter vivo dentro de nós, todos nos entenderíamos muito mais. Haveria mais paz e alegria, se os homens voltassem a ser meninos.

* O escritor Mário de Andrade.

Os depoimentos de Fernando Sabino foram retirados do livro autobiográfico *O Tabuleiro de Damas*.

PARTE I

Me deixem num canto apenas, que seja este canto somente,
Suspirar pela vida que nasceria apenas do meu ser!

Mário de Andrade

I – A MONTANHA

Um caminhão de minério me trouxera de favor a meio caminho, onde a estrada terminava em trilha áspera morro acima. A cada passo meu, a montanha parecia afundar-se no céu, enquanto atrás de mim o mundo dos vivos me rejeitava, impelindo-me para longe, sem descanso... A princípio a sensação foi tão forte que tive de parar e medir com desânimo a extensão já percorrida. Vi lá embaixo o caminhão abandonado à entrada da mina, a distância uma cidade sem resposta, o rio mudo e o campo verde sem sombras. Aves acenavam lentas despedidas e a tarde calcinada em fogo me esmagava. Voltei com desprezo as costas para o horizonte e continuei a subir sem esforço, o cascalho grosso rolando sob meus pés como resposta ao desafio.

Ao fim de uma hora a encosta se tornara tão íngreme que a escalada se fazia com o auxílio das mãos. Junto a uma inexpugnável parede de pedra tive de me deter, ofegante, sem saber como continuar. Então olhei para baixo e não vi mais nada; a montanha anulava a paisagem em blocos de pedra viva que recortavam no céu ângulos abruptos. Insensivelmente eu buscara a variante mais suave de uma prega do monte e agora as paredes de um socavão me aprisionavam como pernas no púbis selvagem de um matagal. Eram plantas duras, retorcidas, lanças de ferro a ameaçar-me, impedindo qualquer aproximação. Refiz a custo parte do caminho percorrido até que a paisagem se abrisse aos meus olhos além da encosta e recommencei a subir, agarrando-me às pedras. A montanha se aprumava, cedendo lugar ao abismo, onde já não se enxergava nada senão a massa verde-escura da floresta.

Não podendo mais fugir, o monstro me rechaçava procurando sacudir-me de seu dorso. Meus pés se desgarravam, as mãos dormentes buscavam apoio no gume das pedras. O mundo oscilava, pendente de meu corpo, e eu já deslizava na voragem do precipício. A montanha se arrepiava em plantas pontiagudas, às quais me agarrava de passagem e a tarde de súbito resplandecia e se afogava no negror da noite, para devorar-me. Perdi a noção do perigo, já sem forças,